



A Santa Sé

SOLENNIDADE DE TODOS OS SANTOS

PAPA BENTO XVI

ANGELUS

Praça de São Pedro

Segunda-feira, 1º de Novembro de 2010

(Vídeo)

Caros irmãos e irmãs!

A solenidade de todos os Santos, que hoje celebramos, convida-nos a elevar o olhar ao Céu e a meditar sobre a plenitude da vida divina que nos espera. «Agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser» (1 Jo 3, 2): com estas palavras o apóstolo João garante-nos a realidade da nossa profunda ligação com Deus, assim como a certeza do nosso futuro. Por conseguinte, como filhos amados, recebemos também a graça para suportar as provações desta existência terrena — a fome e a sede de justiça, as incompreensões, as perseguições (cf. Mt 5, 3-11) — e, ao mesmo tempo, herdamos desde já o que foi prometido nas bem-aventuranças evangélicas, «nas quais resplandece a nova imagem do mundo e do homem que Jesus inaugura» (Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, Milão 2007, 95). A santidade — imprimir Cristo em si mesmo — é a finalidade de vida do cristão. O beato António Rosmini escreveu: «O Verbo imprimiu-se a si mesmo nas almas dos seus discípulos com o seu aspecto sensível... e com as suas palavras... doou aos seus aquela graça... com a qual a alma sente imediatamente o Verbo» (*Antropologia soprannaturale*, Roma 1983, 265-266). E nós prelibamos o dom e a beleza da santidade cada vez que participamos na Liturgia eucarística, em comunhão com a «multidão imensa» dos espíritos beatos, que no Céu aclamam eternamente a salvação de Deus e do Cordeiro (cf. Ap 7, 9-10). «À vida dos Santos não pertence somente a sua biografia terrena, mas também o seu viver e agir em Deus depois da morte. Nos Santos, torna-se óbvio como quem

caminha para Deus não se afasta dos homens, pelo contrário torna-se-lhes verdadeiramente vizinho» (Enc. *Deus caritas est*, 42).

Consolados pela mesma comunhão da grande família dos santos, amanhã comemoraremos todos os fiéis defuntos. A liturgia do dia 2 de Novembro e o exercício piedoso de visitar os cemitérios recordam-nos que a morte cristã faz parte do caminho de assimilação a Deus e desaparecerá quando Deus for tudo em todos. A separação dos afectos terrenos certamente é dolorosa, mas não devemos temê-la, porque ela, acompanhada pela oração de sufrágio da Igreja, não pode romper o vínculo profundo que nos une em Cristo. A propósito, São Gregório de Nissa afirmava: «Quem criou tudo na sabedoria, deu esta disposição dolorosa como instrumento de libertação do mal e possibilidade de participar nos bens esperados» (*De mortuis oratio*, IX, 1, Leiden 1967, 68).

Queridos amigos, a eternidade não é «uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade» do ser, da verdade e do amor (cf. Enc. *Spe salvi*, 12). À Virgem Maria, guia segura da santidade, confiemos a nossa peregrinação rumo à pátria celeste, enquanto invocamos a sua materna intercessão para o repouso eterno de todos os nossos irmãos e irmãs que adormeceram na esperança da ressurreição.

Depois do *Angelus*

Ontem à noite, num gravíssimo atentado na catedral sírio-católica de Bagdad, houve dezenas de mortos e feridos, entre os quais dois sacerdotes e um grupo de fiéis reunidos para a Santa Missa dominical. Rezo pelas vítimas desta violência absurda, muito feroz sobretudo porque atingiu pessoas inermes, reunidas na casa de Deus, que é casa de amor e de reconciliação. Exprimo também a minha proximidade afectuosa à comunidade cristã, novamente atingida, e encorajo pastores e fiéis a serem fortes e firmes na esperança. Diante dos atrozes episódios de violência, que continuam a dilacerar as populações do Médio Oriente, gostaria de renovar o meu urgente apelo a favor da paz: ela é dom de Deus, mas é também o resultado dos esforços dos homens de boa vontade e das instituições nacionais e internacionais. Todos unam as próprias forças a fim de que terminem todas as violências!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana